

Aprender a canção

Recontado por Eesha Sardesai

Estava anoitecendo, e o garoto caminhava pela grama alta. Numa direção ficava o acampamento de sua família. Na outra direção, lá longe, havia um lago. Podia perceber vislumbres do lago, conforme caminhava naquela direção, uma amostra de azul-esverdeado, fluorescente na escuridão.

De vez em quando, o garoto parava, fechava os olhos e ouvia atentamente o vento assobiar pela grama. *Wish-wish-wish*, o vento diria. E ele se perguntava:

— Será isso? A música?

Manteria os olhos fechados por alguns instantes, desejando que o vento sussurrasse algo que pudesse entender: palavras, uma música familiar. *Wish-wish-wish*. Puxa vida, esse era o único som que o garoto conseguia ouvir.

Ele e seu povo viviam no vasto sertão selvagem que, séculos depois, viria a ser conhecido como Austrália. Seu mundo era de uma origem profundamente divina, havendo o próprio Espírito Criador cantado a sua existência. E agora os sábios, aqueles com conhecimento, cantavam a música e a seguiam onde ela os levava.

— Ó Grande Mãe —, o garoto sussurrou ao vento. — Mostre-me seus passos. Toque as notas da sua música para mim. Eu quero conhecê-la.

E continuou andando. Agora já estava perto do lago, seu brilho era visível até mesmo com toda a grama alta e eucalipto ao seu redor. Sob seus pés, a terra pulsava, como se uma corrente fluísse por ela. Esse pulsar parecia acelerar —

assim como a brisa. A grama ondulava no mesmo ritmo, seus movimentos formavam artísticos ziguezagues.

O garoto chegou à beira do lago. Ajoelhou-se, inclinou o rosto sobre a superfície cristalina, translúcida como se fosse feita de pedras preciosas, e olhou para dentro de sua profundidade. Foi então que ele ouviu: primeiro suave, e logo, alto e forte. Uma nota — duas notas — um ritmo, uma melodia.

O menino ergueu o olhar, maravilhado. A brisa burilava com as pequenas pétalas das flores próximas. E agora as pétalas giravam ao seu redor, sua dança sintonizada com as notas da música, incentivando-a a continuar. Nessa música, ele pode ouvir seus ancestrais. Nessa música, pode ouvir os murmúrios da terra e o sussurro do céu. Nessa música, ele pode ouvir a voz daquele que havia criado essa realidade magnífica.

A música o envolveu de todos os lados conforme se inclinou mais uma vez sobre a água. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Os sons eram tão lindos, ao mesmo tempo etéreos e profundamente familiares; se ele pudesse dar um nome à sensação que eles despertaram dentro de si, seria simplesmente lar.

Enquanto se maravilhava com esse sentimento recém descoberto, ouviu um outro barulho. *Crunch, crunch*. Parecia ser os passos de alguém no farfalhar de plantas e galhos caídos no solo. Pelo canto do olho, viu a ponta curvada de uma barba prateada.

Ao se virar encontrou um dos anciãos de sua comunidade, de pé ao seu lado. O rosto do homem era escuro, uma mistura de âmbar e ônix — e estava desgastado, como couro macio. Emoldurando seu rosto havia uma cabeleira do mesmo tom prateado. Seu olhar era gentil.

— Você ouviu, meu filho? — ele perguntou ao menino. — A canção?

— Sim! — o menino disse, sussurrando, cheio de alegria. — Você também pode ouvir, Senhor Ancião? — perguntou, usando o termo de respeito para os idosos.

— Sim, de fato eu posso — o ancião disse. — E também posso cantá-la. Venha.

Então o homem caminhou em volta do lago e desapareceu dentro da grama logo depois. O garoto observava com seus olhos arregalados antes de dar um salto e segui-lo correndo.

O ancião cantarolava suavemente, um canto grave, ritmado. Conforme chegava a certas linhas da melodia, ele fazia uma curva acentuada — para a esquerda, para a direita, onde quer que a música mandasse. Continuou assim por um tempo, o menino correndo para acompanhar, até que finalmente se aproximaram de uma pequena choupana de madeira. Diante dela, um fogo crepitava.

— Venha, — o ancião disse novamente — Você deve estar com fome. Minha esposa está preparando algo para comer.

Conforme tomaram um lugar ao redor do fogo, uma mulher saiu da cabana e remexeu as brasas; ela também tinha pele escura e cabelos prateados.

— Então, você ouviu a canção? — perguntou ao menino. E tirou de debaixo das brasas um pão grosso, cheio de sementes, e colocou-o diante do garoto.

— Sim, Minha Tia, eu ouvi —, respondeu o menino animado. As palavras saíam aos borbotões conforme ele se lembrava do que havia ocorrido.

— Foi *incrível!* — disse. — Eu estava orando, com todas as minhas forças, para a Grande Mãe. Eu disse, *Ó Mãe, toque sua música.* E então encontrei este lago *brilhante.* E então, e então ... — Os olhos do menino se encheram de água quando se lembrou do que aconteceu a seguir. — A música mais linda, e a grama, as flores e tudo dançava...

— Mal posso esperar para ouvi-la novamente — disse ele finalmente.

— Sim! E você vai — disse a velha senhora, sorrindo silenciosamente. — Por agora, você começa a sua prática.

O menino, que tinha acabado de dar uma boa mordida no pão, quando ouviu as palavras dela, parou. As bochechas cheias.

— *Praticar?* — perguntou, engolindo rapidamente.

— Sim — ela disse. — Se você quiser ter essa experiência novamente, e se quiser usá-la para orientar outras pessoas, da maneira que o Ancião o orientou esta tarde, você precisa aprender a música.

— E você tem que praticá-la — acrescentou o Ancião.

— Mas, por que? — o garoto perguntou. — Eu já ouvi a música. Não vou esquecê-la.

— Bem, ninguém *planeja* esquecê-la — disse o ancião gentilmente.

— Está certo — disse o menino. — E eu não vou. Você vê, a Grande Mãe e eu, estamos conectados.

— Sim, vocês *estão* conectados. Mas isso não significa que você não precisa praticar.

O menino torceu o nariz. Ele não gostou muito da ideia. E as flores dançando? E a grama balançando? Ele queria pular essa parte.

— Talvez outras pessoas necessitem praticar, Senhor Ancião — declarou. — Mas não eu. Você verá.

O ancião olhou profundamente nos olhos do menino. E não disse nada por um momento.

Então soltou um suspiro, deu uma palmada sobre as coxas e se levantou.

— Muito bem, meu filho. Nenhuma prática para você. Mas agora, como está ficando tarde, você passará aqui essa noite. Amanhã você pode seguir a música de volta para casa.

Pelo menos com isso o menino concordou.

O nascer do sol na manhã seguinte foi glorioso, uma luz laranja-dourada se esparramando sobre as planícies. Quando alguns raios dessa luz entraram na cabana, o garoto despertou.

Espreguiçou os braços bocejando enquanto se sentava.

— *Hummm* — pensou. — Não seria nada mal tomar o café da manhã antes de voltar para casa.

E se esgueirou para fora. O fogo novamente crepitava e os anciãos estavam sentados diante dele. Sorriram quando viram o garoto e acenaram para que se sentasse.

E assim fez, esfregando as mãos enquanto tomava seu lugar ao lado dos mais velhos. Estava tudo silencioso lá fora, o único som que se ouvia de vez em quando era o estalar ocasional do fogo. O sol se erguia no céu.

O garoto olhou em volta para ver se havia algum sinal do café da manhã. Mais pão, talvez, ou alguns vegetais assados. Mas, não parecia haver qualquer coisa sendo preparada. Olhou para os anciãos. *Será que eles já comeram?*

A expressão deles era impassível.

Então o menino se voltou para o fogo e os três continuaram lá, sentados, em silêncio. Seu estômago começou a torturá-lo. De tempos em tempos, ele olhava novamente para os anciãos, desejando que lhe oferecessem *algo* para comer, alguns grãos, até mesmo uma ou duas frutinhas. No entanto, tudo o que eles faziam era sorrir placidamente de volta para o garoto.

Isso continuou por algum tempo, até que ele não aguentou mais.

— Minha Tia, Senhor Ancião — ele deixou escapar. — Por favor, teremos algo para comer esta manhã?

Os anciãos se viraram para ele. Com o sol da manhã, ele podia ver as linhas em suas faces com mais clareza ainda, como elas se entrelaçavam e se transpassavam.

— Como assim, meu filho? — perguntou o ancião.

— Quero dizer, vamos tomar café da manhã hoje?

O ancião pareceu surpreso.

— Mas por que iríamos precisar fazer isso?

— Bem, nós ... nós temos que tomar café da manhã — disse o menino. Estava confuso com a pergunta do ancião.

— Mas nós comemos ontem à noite — disse o ancião.

O menino não podia acreditar no que estava ouvindo!

— Só porque jantamos ontem à noite não significa que hoje não vamos tomar café da manhã! — disse.

— *Hummm* — o ancião disse. — Veja bem, eu pensei que, pelo fato de termos comido ontem à noite, você não ia querer comer novamente. Porque certamente aquela única refeição teria sido suficiente.

O menino riu.

— É claro que eu precisaria comer de novo! De que outra forma eu teria forças para fazer a jornada de volta para casa?

O menino estava prestes a continuar, a explicar que na verdade era preciso fazer *três* refeições por dia, quando percebeu o olhar do ancião. E as linhas em seu rosto... era imaginação do menino, ou elas estavam ainda mais pronunciadas agora? Era como se a sabedoria das canções tivesse se tornado visível, um mapa de verdades gravado na pele do ancião.

— Ah! — disse o menino silenciosamente.

— Sim? — perguntou o ancião.

— Sim — disse o garoto. — Me perdoa por não ter entendido antes. Agora estou pronto, para praticar.

